

...Pra Que a Gente Lê?*

LILIAN LOPES MARTIN DA SILVA**

“Dizem que devemos ler para saber bem o português”... “para ver como é o português, a gramática” ... “para falar bem”... “para articular a linguagem articulada” ... “porque os livros são os melhores meios para se aumentar o vocabulário”... “desenvolve o raciocínio”... “ensina a escrever” ... “é uma matéria que nós precisamos para qualquer carreira”.

“...Para Aprender a Lição”

“O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato radicalmente solitário da leitura, contrapartida do igualmente solitário ato da escritura”. (1)

Na escola esse encontro é invadido pela instituição. É ela, concretizada na pessoa do professor, no manual didático, nos programas e objetivos do ensino, nos mecanismos de controle e avaliação do aluno, é ela que vai administrá-lo, transformando-o de um encontro sempre pessoal e sempre inédito, como sugere a citação, num “encontro marcado”, burocratizado e público, porque previamente encomendado — data, lugar, assunto, resultado...

* Este texto é parte da Dissertação de Mestrado *A ESCOLARIZAÇÃO DO LEITOR: A DIDÁTICA DA DESTRUIÇÃO DA LEITURA*, apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas em agosto de 1984 e elaborada a partir de uma pesquisa realizada em sete escolas públicas do município, envolvendo um total de 302 alunos das 8^{as} séries do 1^o grau, autores dos depoimentos aqui registrados.

** Professora da Faculdade de Educação (Departamento de Metodologia de Ensino) da UNICAMP

"era leitura para ser feita em casa" ... "quando a professora pedia" ... "nas férias" ... "para fazer exercícios" ... "para ver como é o português, a gramática" ... "interpretação de texto" ... "para treinar na leitura" ... "de vez em quando a gente fazia ficha de leitura" ... e devidamente controlado...

"fazíamos correção de exercícios" ... "assim ela explicava alguma palavra estranha e também alguma dúvida" ... "a professora exigia uma boa pronúncia das palavras" ... "tinha chamada oral" ... "líamos para fazer prova e obter uma nota". Com algumas surpresas para o leitor, mas jamais para o controlador do encontro: o professor...

"Numa avaliação a gente contava o que leu, o que estudou, os personagens, etc. Eu achava que essa parte era boa pois ficávamos sabendo se havíamos entendido o livro ou não" (grifos meus).

A leitura, definida assim pela instituição, *meticulosamente*, a ela deve se submeter. Sobre um texto fala mais a instituição que o próprio texto e o seu leitor. E o texto se perde então na condição de pretexto: pretexto para coisas da instituição.

Quando se lê na escola, para que se lê?

A resposta a essa questão pode ser dada em vários níveis. Há um nível de explicação, mais abrangente, mais concreto, que só consegui vislumbrar ao destrinchar os procedimentos miúdos que fazem o dia-a-dia da leitura na escola. Quero aqui registrar essa reflexão e, a partir de uma enumeração dos argumentos usados pelos alunos para justificar a prática de leitura que têm na escola, esboçá-la na medida do possível. Assim, ao responder o *Para quê*, nesse primeiro nível, respondo também ao *Como se lê na escola*.

Faço isso, de início, a partir de um conjunto de depoimentos que relatam as dificuldades de leitura desses alunos. Dificuldades que na sua maioria não vêm de limitações, às vezes físicas, desses alunos... "problemas na vista" ... "sono" ... "cansaço" ... "falta de tempo" ... "falta de livros" ... "preguiça" ... "gagueira" mas que são produzidas no encaminhamento da leitura em sala de aula.

"... para aperfeiçoar a leitura"

"Quando leio em voz alta para a classe, leio nervoso, com medo de errar" ... "não gosto de ler para os outros" ... "fico nervosa" ... "às vezes me engasgo" ... "troco palavras" ... "leio rápido, pulo letras" ... "não respeito vírgulas e pontos".

A leitura em voz alta do aluno sorteado ou escolhido pelo professor — premiado ou castigado? — me parecia ser, quando comecei essa pesquisa, coisa do meu passado escolar, quando diariamente éramos ameaçados de ir janelas abaixo se não recitássemos com perfeição a tabuada. Não é.

"Não leio. Quando o professor me faz chantagem (tipo: te mando pra fora) leio só um parágrafo".

"Fujo da situação de ler em voz alta".

Dificuldades?

"Interrupções e gozações dos outros alunos".

E se a ameaça hoje parece menor, porque a escola aparentemente mudou da professora para a "tia" ou "dona", dos alunos rigidamente enfileirados para alunos amontoados e agrupados, da agressão física para a agressão moral, a punição, vinda de onde vier, da forma que vier, continua gerando o mesmo sentimento: mistura de medo, dor, vergonha. Sentimento de incompetência, que faz com que o aluno se sinta ... *"como se estivesse entrando na escola outra vez, como um deficiente".*

A história de leitura desses alunos é, durante anos e anos, feita de leitura em voz alta.

"até a 4ª série líamos em conjunto, depois extinguiu-se esse ato".

"durante as aulas líamos para treinar na leitura".

"havia muito tempo e a professora treinava leitura".

Um treinamento, seja do que for — treinamento do corpo, da voz, do cão ou da leitura tem sentido quando se está perseguindo um padrão de excelência qualquer. É esse o caso da leitura em voz alta? Parece que sim.

"a professora exigia que nós tivéssemos um bom aproveitamento em leitura".

"a professora exigia uma boa pronúncia das palavras".

O "bom aproveitamento em leitura" parece até aqui esgotar-se na dicção perfeita das palavras, na velocidade da leitura: nem lenta... *"lentidão" ... nem rápida ...* *tento ler devagar" ... mas fluente e expressiva.*

"O aluno conseguirá ler para: observar, oralmente, fluência, entonação, pronúncia correta e clara, segurança para transmitir expressividade". (2)

Mas, por que se lê em voz alta?

À leitura oral começa na alfabetização quando o aluno tem que provar para a professora que já sabe reconhecer os sinais, as letras, traduzindo oralmente o código escrito. Além disso, que já aprendeu a mecânica da leitura: da esquerda para a direita, linha por linha, uma palavra atrás da outra...

Os depoimentos me levam a pensar que após esse primeiro estágio a escola inicia um processo de aperfeiçoamento das habilidades aí adquiridas. O passar dos anos escolares vai colocando novas exigências às quais deve corresponder um desempenho cada vez melhor, em que a fluência (geralmente não verificada no primeiro estágio, quando o aluno lê por sílabas, mesmo quando lê palavras e lê por palavras, quando lê orações) e a expressividade (garantia de que ao ler o aluno deve ler mais do que a palavra, deve ler a palavra no contexto) são as marcas do bom leitor. Daí a razão do treinamento.

A prática de leitura oral, se tem algum sentido para a alfabetização — e me parece que vivenciada como treinamento, pela repetição individual ou em coro de palavras e frases não tem sentido, nem aí, quando é amplamente realizada e justificada com a necessidade de se verificar quem sabe ler e quem não sabe — ao se estender para as séries seguintes só faz comprometer a leitura e o leitor.

Leitores adultos que somos, portanto livres da escola e da experiência de leitura que ela nos fez amargar durante onze anos ou mais, sabemos que a funcionalidade da leitura oral é meramente escolar. A escola nega tanto aquilo que não faz parte do universo pedagógico, que logo após os primeiros anos os alunos passam a pensar, agir e falar como a instituição. Silva (3) em pesquisa realizada nas escolas de Campinas revelou que os alunos das primeiras séries justificam a importância e necessidade de ler com argumentos da vida prática e social, do mundo do trabalho. E realmente não há como fugir dessas considerações; afinal de contas, ler é uma forma de participar dos circuitos da sociedade moderna e letrada. No entanto, os alunos mais escolarizados, nas últimas séries, apelam para razões de outra ordem: razões que a vida escolar cria e impõe para justificar a prática e o conhecimento escolarizado. Aprende-se, numa série, determinadas coisas *porque* fazem parte de seqüência necessária às coisas supostamente aprendidas na série anterior e, ao mesmo tempo, são pré-requisitos indispensáveis ao trabalho a ser feito na série seguinte.

A leitura oral só tem sentido nesse universo circular e é vã qualquer tentativa de justificá-la por outros motivos. O que a justifica em última instância é a necessidade de controle, de tornar uniforme uma experiência que se secreta, pessoal e silenciosa, traria para a aula o não previsto, o incontrolável. Por isso tornar pública a leitura que o aluno faz do texto. Nem que com isso não se garanta leitura alguma. Um lê um parágrafo, outro lê o parágrafo seguinte... *"lia em voz alta, um pouco cada um"*... Todos lendo, todos prestando atenção... *"pegávamos os livros, abríamos na mesma página e nossa professora fazia a chamada, pedindo para cada um ler um pedaço e contar o que leu"*... Todos com o mesmo livro e a mesma leitura. Leitura de um livro só. Uma leitura só. O ritual.

Fica assim comprometido o entendimento do aluno sobre o texto, leitura, importância da leitura. A noção de leitura gerada na prática de leitura oral é claramente expressa num depoimento:

"Não tenho (dificuldade) para ler mas sim para entender".

O aluno, separando o ato de ler do ato de entender o que está lendo, desfigura a leitura, reduzindo-a a um processo de percepção, reconhecimento e decodificação dos sinais gráficos.

Da mesma forma essa prática acaba sendo o suporte, a história de leitura da aluna que diz ... *"gosto de ler porque pretendo ser locutora de telejornal"* ou do aluno ... *"gosto porque sou gago e com isso desenvolvo a língua"*... *"quando a gente lê um livro modificamos a nossa dicção para melhor"*.

Por experiência, sabemos que ao ler alto, em público, ansiosos por uma boa "performance" deixamos na verdade de acompanhar a nossa própria leitura. Mecanicamente perseguimos a linearidade do texto. E somos mais felizes na leitura oral, principalmente em "expressividade" quando lemos anteriormente o texto, e o lemos silenciosamente. Porque a expressividade da leitura é comprometida pela linearidade. Ela é dada pelo conjunto todo.

A prática de leitura oral compromete enfim a leitura do texto, se entendemos que ler é mais do que decifrar e recitar sinais.

"PARA FAZER INTERPRETAÇÃO DE TEXTO" ... "FICHA DE LEITURA" ... "PROVA" ... "CHAMADA ORAL"...

Os exercícios de interpretação ou entendimento que via de regra acompanham os textos dos manuais ao lado das fichas e provas de leitura, e que os acabam suplantando em termos de importância me colocam de início duas questões: 1) o que os autores dos manuais, a

escola e o professor definem como “texto a ser entendido”? 2) do que eles falam quando falam em entendimento?

Parece-me que a noção de texto define em parte a de leitura e estas, juntas, dão o caminho da interpretação. Assim, se retomo (e retomo porque compartilho da posição da autora) a citação do início deste tema de reflexão, tenho que *“um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê”*. Posso afirmar, então, sem incorrer numa contradição, que texto e leitura configuram um processo de interlocução. E mais: que

“a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação”. (4)

Desta duas definições — de texto e de leitura — coerentes entre si, eu posso concluir que:

1º) A significação de um texto não se encerra nele mesmo. Não é prévia ao momento da sua leitura. Não se oferece fechada a um “bom entendedor”, capaz de decifrá-la. Ela se constitui no encontro do texto com o leitor e é, portanto, diferente a cada leitor. E a cada tempo histórico, porque autor e leitor têm uma dimensão social que invade o texto no momento da sua escritura e da sua leitura. Daí o texto arrastar consigo a história das suas leituras, das suas interpretações, renovada e alterada a cada novo leitor, a cada tempo. Daí a dialética da leitura.

2º) A leitura é uma ação, um trabalho do leitor no texto. Que sem dúvida envolve a recuperação da lógica posta pelo seu autor da história contada, do argumento alinhavado, da idéia defendida, mas que não pára aí. O leitor lê mais do que isso. Lê também o modo pelo qual essas idéias se produziram e aí lê o texto na sua relação com o autor, com a história. Nesse mergulho o leitor traz para o texto *outros textos*, outras histórias, que nele estão escondidas. Faz o vaivém entre a sua vida e a vida contada no texto, a sua interpretação e a interpretação já sancionada para o texto.

3º) O entendimento do texto, a sua interpretação não é uma fase posterior ao momento da leitura. Ele se dá na leitura e traz, conseqüentemente, as marcas da pessoa que lê, as marcas do próprio texto. A noção de texto como produto e síntese final de um processo de escritura e de leitura cria a possibilidade de um entendimento que recupera esse

movimento — da parte para o todo — reintegrando o texto na história da sua produção. Ora, como considerar os depoimentos abaixo?

"não entendo muito sobre o que eu li"... Minha dificuldade de leitura é... "falta de entendimento"... "não gravo bem quando leio uma só vez — leio até entender".

Que espécie de entendimento estes alunos buscam? De que texto eles falam?

A resposta vem deles mesmos, quando se referem "aos exercícios de interpretação" (do livro didático, ficha de leitura ou prova) reconhecendo a sua importância:

"aí entendíamos tudo sobre a mensagem que ele transmitia"

"a gente provava o que tinha entendido"

"ficávamos sabendo de verdade o que tínhamos lido"

"sabia se havia ou não entendido o livro"

"avaliava se tínhamos feito uma boa leitura ou não" (grifos meus)

Buscar a mensagem que o texto encerra — e encerra aqui quer dizer esconde, confina, enterra em algum lugar do texto, ao qual os alunos dificilmente têm acesso da primeira vez... *"leio muitas vezes para entender"*... ou só têm acesso quando param de ler e resolvem os exercícios de interpretação... *"se não entendêssemos na leitura, entenderíamos com a prova, o resumo"*. Provar que captou a mensagem certa, aquela prevista pelo livro, conhecida pelo professor que detém a chave de interpretação. *Saber de verdade o que leu*, porque quando só leu não teve lá tantas certezas sobre o que leu e entendeu. Estas as possibilidades de trabalho postas pelos exercícios de interpretação de texto e que sem dúvida remetem a uma concepção de texto radicalmente diferente da que eu apresentei acima.

Trata-se agora de um texto estruturalmente concebido. Um texto feito de partes, seqüências, relações, mas que enquanto estrutura acaba ficando sem autor, leitor ou história. Sua significação é invariável, única, dada por sua composição interna. Independe do leitor.

A este resta apenas *ler para entender o que está dado*, isto é, recolher a significação que o texto encerra e que os exercícios fragmentam ainda mais, no significado das palavras... *"assim ela explicava alguma palavra estranha e também alguma dúvida"*... na identificação das seqüências e pormenores, na caracterização dos personagens... *"tínhamos que resumir, falar dos personagens principais e secun-*

dários"... enfim, uma significação esfacelada em mil e uma categorias de análise, que quando se recompõem o fazem apenas na forma de um tema ou mensagem ... "e dar a mensagem".

Trata-se aí de uma leitura que precisa produzir um conhecimento exato e objetivo do texto. Sólido e útil ... "lia, fixava o que tinha entendido e depois resumia em menos linhas o livro inteiro".

Os exercícios, fichas, etc. são recursos que a escola utiliza como que para conferir um certo estatuto científico, sério e positivo, à leitura do texto. Principalmente do texto literário, cujas ambigüidades, cuja polissemia a escola não pode suportar.

E então ela destrói essa dimensão do texto, preocupando-se apenas em levar o aluno a recuperar pela leitura, os seus aspectos meramente referenciais — onde? o quê? quando? quem? — a decifrar o significado das palavras e a identificar e aprender conteúdos outros.

Eis um exemplo do conhecimento que o aluno é levado a construir a propósito de um livro qualquer:

1. Informações Gerais da Obra
2. Quais os personagens do livro?
3. Qual o personagem principal?
4. De que personagem você mais gostou?
5. Faça o retrato físico e psicológico dos personagens
6. Qual o trecho de que você mais gostou? Transcreva-o
7. Onde aconteceu?
8. Cite 10 palavras novas, com sinônimos
9. Você gostou do livro? Por quê?
10. Procure uma frase nominal
11. Procure uma frase verbal
12. Procure dois dígrafos
13. Procure dois encontros consonantais
14. O que você aprendeu com essa leitura?
15. De que maneira está estruturada a obra?
16. De que maneira o autor escreve?
17. Se você fosse escrever a mesma história, procederia como o autor? Por quê?
18. Qual o climax da estória?
19. Qual o gênero literário?
20. Resumo do Livro



...nesses sete anos acho que li pouco porque aqui é escola estadual e não há recursos". Além disso "se lêssemos não iria dar (tempo) para aprender toda a matéria".

A leitura, numa escola que não tem livros e que não tem tempo para ela, está confinada a uma existência extra-curricular, extra-classe. Tarefa de casa ou trabalho para as férias. *"A gente costumava ler esses livros... "depois das aulas, em casa"... "nas férias"... "uma ou duas vezes por ano".*

Posta assim, vive a condição de adorno, coisa paralela, anexada esporadicamente À AULA, À MATÉRIA, AO CURSO. Contrapeso necessário ao trabalho sério, produtivo e braçal de aprender, fazer os exercícios, decorar o ponto, escutar a explicação?

"Gosto de ler porque é divertido"... "distrai e ajuda a passar o tempo"... "leva a gente para um mundo maravilhoso"... "traz emoção".

Ao ler, o aluno poderia relaxar... músculos... postura... raciocínio. Poderia abandonar a lógica e a linearidade impostas pela escola ao modo de pensar e conhecer. Na escola, o mundo vai das causas necessariamente às conseqüências, do começo ao fim, do mais simples para o mais complexo... do período preparatório ao exame vestibular... Tudo pedagogicamente programado... Seriado... Justificado.

Ao ler, o aluno poderia deixar de ouvir o mestre, que tudo pode e tudo sabe para ouvir a si mesmo e aí acreditar que também sabe e que também pode... errar... parar de ler... discordar... não gostar... misturar... imaginar e sonhar.

Ao ler, poderia ficar só. E ficando só, sair do anonimato, da situação de massa a que fica submetido na escola, para recuperar o pessoal e nele o coletivo.

Abandonar a condição de aluno... aprendiz... ouvinte... criança... conceito... comportamento... para existir como pessoa e leitor.

Sair do compromisso, da obrigação, da "atividade", escapando assim ao controle, à avaliação e à autoridade.

Ler se quiser. Quando quiser. Onde quiser. O que quiser. Ler e desler. Ler e reler. Ler tudo e ler pela metade. Sem começar e sem terminar.

Viver profundamente a ação de querer, experiência de prazer e de liberdade.

PELOS DEPOIMENTOS... A LEITURA NA INSTITUIÇÃO

"A professora não permitia que a gente lesse na classe". A leitura numa escola ainda sem livros e sem leitura é negada.

"Os professores se preocupam com a gramática e a redação". É desvalorizada.

"A professora acha que não estamos preparados para ler livros". É adiada.

Líamos quando estávamos em férias... era leitura para ser feita em casa". É, quando muito, encomendada.

Mas sobretudo ... vigiada

"Eu leio os livros que a professora escolhe, obrigada. Eu não gosto de ler obrigada, gosto de ler por livre vontade".

Imposta.

"Não gosto de ler para os outros. Não leio. Quando o professor me faz chantagem (tipo: te mando pra fora) leio só um parágrafo".

Cobrada

"Leio para conseguir nota e às vezes até consigo me interessar".

Essa mesma escola que nega, contraditoriamente impõe?

Contradição aparente. À leitura que é negada contrapõe-se uma leitura instituída. A Leitura Escolarizada.

Nos livros:

"Acho que a gente deve ler o que gosta porque senão não se interessa pela leitura (...) Já dei minha opinião para a professora, porque ela não dá livros de autores mais atuais — ela diz que primeiro temos que conhecer os velhos. Será que é mesmo?"

No dia-a-dia:

"quando leio em voz alta para a classe... (durante as aulas líamos para treinar a leitura)... leio nervoso, com medo de errar... a professora exigia uma boa pronúncia das palavras".

"numa avaliação a gente contava o que leu, o que estudou, os personagens, etc."

"O que a gente fazia com os livros era o seguinte: escrevia uma palavra umas cem vezes até se aperfeiçoar e aprender rapidamente".

Nas finalidades vez ou outra confessadas:

"a professora era muito a favor da leitura porque ela achava que os livros são os melhores meios para aumentar o vocabulário".

"dizem que devemos ler para saber bem o português".

Na consciência criada:

"A escola pediu para ler muitos livros para fazer provas mas como eu sou burra não os li e não me informei, tirando péssimas notas. Dos que eu li achei muito interessante e acho que eu não teria uma cabeça tão boa para fazer um livro. Por pior que ele fosse. Seria o livro mais feio feito um dia em todos os tempos, na face da terra". (grifos meus)

"Aprendi como um autor pode ter idéias brilhantes para escrever livros".

"Eu achava que essa parte (prova ou ficha de leitura) era boa porque ficávamos sabendo de verdade o que tínhamos lido". (grifos meus)

"Não tenho dificuldade para ler mais sim para entender".

Leitura Escolarizada: tecida sob a autoridade do que tem a chave da interpretação; tecida na coletividade que na escola quer dizer anulação; tecida na produtividade dos textos fragmentados — cadeia de alienação.

PELOS DEPOIMENTOS... ALGUMA INTUIÇÃO DA REPRESSÃO ESCOLAR

"...às vezes as professoras nos impõem a leitura de certo livro sem olhar se o gosto dela é o mesmo que o nosso. Certo livro que eu li para a escola, não gostei. O que eu acho é que os livros deveriam ser escolhidos pelas próprias pessoas que os lêem, não pelos professores".

"...antes de ler a gente fazia um resumo e uma ficha sobre o livro. Eu achava que essa parte era a mais ridícula".

PELOS DEPOIMENTOS... O COMEÇO DE UM NOVO CAMINHO?

"...a professora distribuía os livros e cada um lia o seu e depois contava a história".

"...debatíamos... saíam várias opiniões sobre o livro".

"gosto de comentar sobre coisas que eu leio... aconselho parentes e amigos para a leitura, conto fatos, descrevo cenas que chamem sua atenção para a leitura."

Notas

- (1) LAJOLO, Marisa. "O texto não é pretexto" in *Leitura em crise na Escola: as alternativas do professor*. Regina Zilberman (org). Porto Alegre, Mercado Aberto, pg. 52
- (2) SÃO PAULO, Secretaria de Educação. Guias Curriculares para o ensino de 1º grau. SP. CERHUCE, 1975, p. 22
- (3) SILVA, Ezequiel e James P. Maher. Construção de um Questionário para Avaliar Atitudes de Leitura de Alunos de 1º e 2º graus. Pesquisa não publicada. UNICAMP, 1982
- (4) ORLANDI, Eni. "A Produção da Leitura e suas Condições" in *Revista Leitura: Teoria e Prática*, ano 2, nº 1, abril, 1983.